

## Capítulo 1

O dia seguinte acordou luminoso. Uma raridade no inverno. Durante a noite, ela pensou em Argus, sentiu a falta dele, até seu sono conturbado vencê-la. De repente a boca de Cibeli se encheu d'água. Do nada, aquela refeição brasileira veio a sua mente. Clarinha é uma “expert” naquele prato. Agora uma ideia peralta vem à mente de Cibeli. (Eu nunca almocei com meus empregados. Hoje não vou almoçar sozinha em meu quarto. Vou saborear um assado com meu príncipe valente, como naquele dia no hotel em Petrópolis). Ela sabe que, no fundo tudo, que ela quer é estar ao lado dele. Cibeli volta ao mundo real quando Agner entre em contato pelo interfone:

- Bom dia, senhora Gatti. A senhorita Leona comunicou que vai trazer para o almoço de hoje aqui na casa de campo a senhora Sofhia e seu marido, Júnior e sua esposa e o pai dela, o senhor Erik.

- Erik?! Ela não se atreveria...

- Ela quer saber se a senhora tem alguma sugestão para o cardápio?

Cibeli está furiosa. Hora de Leona levar um puxão de orelha.

\*\*\*

Argus aguarda Agner na sala de estar. Nesta sala ele nunca esteve. De pé diante de uma lareira da grande sala, ele vê o quadro grande com a pintura a óleo do perfil de Cibeli. A dama dos perfumes. Parece uma pintura feita para uma rainha. Algo nobre. O rosto de Cibeli no quadro parece olhar diretamente para ele. Um único quadro. O resto da sala tem o de sempre. Sofás de couro. Mesas de jacarandá, chão de mármore ou granito escuro forrado por tapetes que seguem o tom das cortinas. (E o perfume dela...) A sala de visitas, a sala de estar e a sala de jantar e mais uma sala de estar são na verdade um ambiente só, divididos por grandes arcos. (Aqui em baixo posso andar por aí). Argus vai em direção a parte de trás da casa. Ele se sente bem. Na verdade, está bem como não se sentia desde que chegou a Europa. Argus passa pela sala de jantar com sua majestosa mesa escura, cadeiras trabalhadas, cristaleira e quadros com pinturas do que parecem ser da Floresta Negra. Segue pelo largo corredor com mais suportes de jarros acompanhados de quadros e elegantes estantes até a grande biblioteca com suas janelas enormes. Ele continua sua curiosa caminhada em meio às prateleiras cobertas de livros até duas salas íntimas no fim da ala direita da casa. Uma delas tem um piano de cauda imponente e uma placa de bronze ao lado de em quadro grande com uma pintura que é, sem dúvida

nenhuma, um retrato a óleo da casa de campo. Na placa de bronze tem uma frase:

“ Esta casa pertence a suas lendas”

- Perdido por aqui, senhor Argus?

É Luana, fazendo o seu trabalho de faxineira na sala de piano.

- Luana, me chame de Argus. Luana sorri.

- Com licença!

Agora Argus se vira para a voz que parecia indignada. Era Júnior, acompanhado de sua esposa Elaine, Sofhia, Peter, Leona e Erik e Agner. Argus não fala nada.

- Agner me disse que o senhor ainda estava na casa de campo. O que faz aqui? Por que não foi embora ainda?

A voz de Júnior tinha um tom autoritário.

Luana fica constrangida e miúda com a cena.

Erik pigarreia sem graça. Ele não tinha contado aos filhos que Cibeli contratou o “ladrão” como seu motorista particular.

Argus continua em silêncio.

- Eu te fiz uma pergunta.

- Argus responde ao rapaz.

- Agora trabalho para senhora Gatti, senhor Júnior.

O filho de Cibeli ignora o motorista. Ele se volta para Leona:

- Você não o mandou embora?

A irmã estava surpresa e aborrecida com a presença do motorista:

- Já assinei a ordem de dispensa dele...

Júnior se vira decidido para Agner:

- Agner. Chame Hans imediatamente.  
Agner não se mexe após ouvir a ordem de Júnior. Leona analisa a situação. O motorista não devia mais estar na casa de campo, mas Agner não vai se mexer. Júnior nem mora mais aqui. Pode ser uma chance de ela melhorar o “climão” com o irmão. Além disso, Leona quer mesmo se livrar do motorista. Ela se lembra da grosseria de Cibeli contra ele naquele almoço. (Não foi só a arma apontada para o pai. Alguma coisa ele aprontou para a mãe).

- Pode chamar o segurança, Agner.  
Hans entra na sala do piano sob o olhar impassível de Agner.

- Eu já estou aqui, senhorita Leona.  
Agora Leona tem um ar frio e indiferente para Argus:

- O senhor Hans vai acompanhá-lo até o portão da casa de campo. Não me interessa para onde vai. Peço que não volte. Espero que o senhor não me obrigue a chamar a polícia.  
Hans se apressa. Ele quer acabar logo com isto. Todos ficam surpresos quando ele vai em direção ao ex-marido de Cibeli.

- Eu o acompanho até a porta senhor.  
Erik, Júnior e sua esposa ainda não entenderam nada. Leona, perplexa, já sabe o que está acontecendo e ela está mais do que pronta para desafiar a mãe.

- Meu pai vai almoçar aqui comigo e meu irmão, nesta casa mesmo, na sala de jantar.

Hans responde a ela com calma:

- A senhora Gatti pediu para que a senhorita acompanhasse seu pai.

Leone ficou de boca aberta. (Ela está me retirando da casa junto com o meu pai!).

Leona parece pronta para explodir.

- Agner! Ligue agora para minha mãe e mande tirar este troglodita da minha frente.

Agora!

- Eu estou bem aqui, Leona.

Ela vê a mãe na porta da sala. Leona continua furiosa e perplexa. Ela aponta para Argus:

- Por que este sujeito ainda está por aqui?

A voz de Cibeli é macia como seda quando diz:

- Eu o contratei, agora ele é meu motorista.

- O que?!

- Agora ele trabalha para mim. Não trabalha mais para a empresa.

- Eu quero ele fora daqui agora!

Cibeli continua gelada:

- Eu é que quero você e seu pai fora daqui.

Melhor saírem por bem...

Tem algo estranho na voz de Cibeli quando ela continua:

- Ou Hans leva os dois à força.

Leona fica muda. Cibeli não mexe um músculo. Argus e os convidados estão constrangidos com a cena, menos Sofia, ela assiste satisfeita a tudo, quase tem um sorriso.

Com o que vê está claro para Sofia que Cibeli sabe quem é o seu novo motorista. Hans vai em direção a Erik, aponta em direção a porta enquanto olha para Leona:

- A senhorita também.

- Você não se atreveria, marginal. Perdeu a noção do perigo? Você fica aqui, pai!

- Eu vou ficar como minha filha disse.

Cibeli não vacila:

- Use a força, Hans. Eu estou na minha casa e aqui entre quem eu quiser. Meu motorista fica e vocês vão embora.

Quando Hans começou a caminhar decidido em direção a Erik com os olhos gelados, ficou claro para todos que o impensável estava para acontecer. Erik se assusta:

- Eu vou embora. Eu não quero confusão.

Filha, venha comigo, por favor.

Hans ainda tinha aquele olhar escuro como um buraco negro quando diz:

- Agradeço sua compreensão, senhor Erik. Eu vou acompanhá-lo até a porta.

Hans segue Erik até a porta. Tudo em um silêncio bizarro, inclusive do próprio Erik, que parece pateticamente querer se dar certa dignidade. Leona transpira ódio. Quando Hans volta sozinho e vai até ela, Leona vai até o novo motorista, o encara com os olhos cinzas que herdou da mãe enquanto fala com Hans olhando para Argus:

- Eu já vou, Hans. Diga a minha mãe que não volto enquanto isso aqui estiver dominado por uma quadrilha.

Ela arqueia seu corpo desafiadoramente para Argus:

- Fique de olho especialmente neste aqui. Não duvido que vá sumir algum anel valioso por aí.

Ela deu as costas a ele e foi embora. Cibeli se retira da sala com um sorriso enorme e satisfeito. Agner se aproxima de Júnior com sua frieza germânica:

- A senhora Gatti vai almoçar em casa, ficaria satisfeita se o senhor, sua esposa, o senhor Peter e a senhora Sofhia a acompanhassem para um almoço que ela vai dar em homenagem a seus empregados a partir das doze horas. O cardápio é um assado com legumes e será na casa dos empregados. Júnior ainda está abalado com a expulsão do pai quando pergunta com algo que parece uma indignação no rosto:

- Você quer dizer: nós todos almoçando juntos? Nós e vocês?

A impassível de sempre Agner confirma:

- Isto mesmo senhor, o almoço vai ser na casa dos empregados.

O loiro de olhos verdes Júnior abre um sorriso de deboche e diz:

- E quem vai servir a mesa, por acaso vou ser eu?

- Não creio, Senhor Júnior. Não vai ser preciso que o senhor sirva a mesa. A senhora Gatti contratou uma equipe de garçons. Ela quer todos nós, sem exceção, naquela mesa.

Júnior fecha o rosto.

- Eu sou muito seletivo quando se trata de ao lado de quem eu vou sentar. Não que eu seja soberbo. Minhas exigências não têm nada a haver com as posses materiais da pessoa...

Júnior agora encara Argus e continua:

- Mas com sua idoneidade. Não me sento ao lado de ladrões.

Argus quase soltou uma gargalhada amarga. Primeiro a filha, depois o filho. (Não tem gente com talento maior do eu para entrar em uma boa briga. E pensar que há alguns minutos atrás sentia uma paz da qual não me lembrava mais).

- Sem o senhor, o almoço não será tão agradável como deveria ser...

Hans não esconde o sorriso com a óbvia ironia de Agner. Júnior vira as costas e vai embora com sua esposa e Sofhia sem dar uma palavra. Agora a sisuda governanta faz um biquinho infantil e irônico, enquanto diz olhando para o nada:

- Uma pena, senhor Júnior. Pode ter certeza que o senhor vai fazer muita falta.

\*\*\*

Na sala de estar, aguardando as ordens de Agner, Argus agora está em estado de alerta. A última coisa que quer é ficar entre os filhos e Cibeli. Agora ele repara novamente no quadro majestoso com a imagem da dama do perfumes. Ela parece olhar mais do que nunca diretamente para ele. (Se perder meu emprego agora, o que posso fazer? Eu não posso voltar ao Brasil enquanto a investigação sobre o anel durar. Aqui na Alemanha, quem vai contratar um ex-presidiário que ainda por cima está sob investigação?) Agora Argus continua olhando para o quadro com a dama dos perfumes: (Eu só sei que nada pode ser mais perigoso para mim do que ficar entre você e seus filhos, senhora Dama dos Perfumes).

\*\*\*

De volta ao seu quarto, Cibeli se pergunta se fez a coisa certa. Não pelo canalha, se pudesse mandava Hans dar uma surra de verdade nele. Mas expor Argus daquele jeito já o colocou na mira de seus filhos antes mesmo de tomarem conhecimento de sua lascívia e seus pecados com ele. (Isto não é nada bom).

\*\*\*

Muito bem, Hans.

- Obrigado senhora Gatti. Felizmente não precisei usar a força.

- Que pena.

Agner, ao lado deles, agora parece preocupada.

- Senhora Gatti...

Cibeli sente o “toque” de preocupação na voz da governanta. Ela continua:

- Eu fico preocupada com a Leona. Sua filha é especial. Tenho certeza que a senhora sabe o quanto de bem desejo a ela.

- Claro, Agner. Pode continuar.

- Mas ela tem um gênio terrível e, desculpe senhora, ela não aprova nossa presença. Um dia ela vai herdar esta casa. Fico preocupada com o destino das moças mais novas.

- Agner, não se preocupe. Eu conheço minha filha. Quando esse dia chegar ela vai surpreender vocês. Leona já sabe que essa casa não pertence a ninguém a não ser as suas lendas.

Cibeli não consegue deixar de ver os olhos ainda preocupados de Agner e diz:

- Mais uma coisa, Agner. Com exceção de Argus, todos vocês são empregados da perfumaria. Júnior não pode decidir nada sobre vocês sem o aval do CEO da empresa. Eu sou o CEO da empresa. E Leona a futura responsável pelo cargo.

Então Agner repara que Cibeli chamou o novo motorista pelo seu primeiro nome.

Agner sabe que já falou demais, hora de mudar de assunto:

- A senhora já inspecionou o seu antigo laboratório, agora no primeiro andar de seu quarto? Aprovou a mudança?

Cibeli não diz nada por alguns segundos. Aos olhos da governanta sua mente parece focada em algo que não é deste mundo. Cibeli sabe o porquê desta ideia agora de fazer seus perfumes diante daquele banco solitário no jardim. Ela voltou definitivamente a se excitar com seus perfumes, é Argus... (Floresta negra! Eu tenho que fazer meu perfume perfeito). Ela responde a sua governanta:

- É como eu imaginei, o quarto é tão grande quanto o do quintal na cobertura do Leme. Ficou bom.

- Ótimo, senhora. Mais uma coisa, a senhora Sílvia vem ao almoço.

- Ela é bem-vinda.

Cibeli se olha no espelho do quarto enquanto diz:

- Agner, convide Leona para o almoço.

A governanta não fica surpresa.

- Diga que o convite é seu em nome de todos os funcionários. Fale que eu aprovei a ideia.

- Sim senhora.

Mais uma coisa Agner, no almoço eu quero minha cadeira ao lado do motorista.

Cibeli sabe que aquilo é arriscado, mas ela está tranquila. (Eu tenho tudo sob controle).

\*\*\*

Argus vai recuperando seu ânimo depois de ser um dos protagonistas daquela briga familiar. Fica intrigado. (Assado todo mundo gosta, mas por que agora junto com os funcionários?). Agora ele pensa divertido. (Será que ela ainda tem aquela mania ridícula comer só legumes com arroz?).

\*\*\*

- Meu Deus!

- O que foi Natascha?

- Mas o almoço vai ser aonde? Na sala de jantar ou na copa da casa dos empregados?

- Aonde almoçamos habitualmente, na casa dos empregados.

- Que roupa eu devo usar?

Agner perde a paciência com Natascha.

- Pensa que vai ao teatro? Apenas se apresente com seu uniforme de trabalho como sempre. Fora os dois garçons contratados para servir-nos tudo será como mais um almoço normal em um dia de trabalho.

Natascha abre um sorriso:

- Vamos ser servidas por garçons. Que chique!

- E pelo amor de Deus, Natascha. Nada de discursos de agradecimento pelo empenho das Empresas Gatti por ex-detentos. Não

vamos transformar um almoço informal em uma cerimônia de entrega do Oscar.

\*\*\*

Estavam todos sentados na mesa da copa na casa dos empregados quando Cibeli chegou. Eles se levantam em sinal de respeito. Ela reparou que a única cadeira vazia estava ao lado de Argus.

- Sentem-se. Eu não sou a rainha da Inglaterra.

Todos se sentam, menos Argus. Ele puxa a cadeira vazia ao lado dele.

- Por favor, senhora Gatti.

Ela vai até ele. Agradece com um sorriso e se senta ao lado dele.

Clarinha tem uma expressão divertida para Argus quando diz:

- Desta vez eu realmente fiz um assado muito bom, senhora Gatti. O último que fiz, o senhor Argus comeu três pratos. Vamos torcer para que ele deixe um pouco para a gente hoje.

Cibeli tem uma expressão divertida para Argus:

- Deixe um pouco para mim, senhor Argus. Eu estou com água na boca. Além disso, aprendi a comer aquele prato com alguém especial. Ótimas lembranças!

Argus diz com um sorriso maroto:

- Claro, senhora Gatti.

Chame-me de Cibeli, senhor Argus.

- Claro, senhora Gatti.

Agora Argus responde a Clarinha:

- Vou fazer um esforço para comer só um prato, Clarinha. Mas não me recriminem se não conseguir. Eles não servem um prato como este no presídio.

Cibeli se volta para Jeremy:

- Senhor Jeremy. Sempre tão quieto.

Demonstre a coragem típica de um marinheiro inglês. Chame-me de Cibeli.

- Eu não consigo, senhora Gatti.

Clarinha diz:

- Quem diria? Cinco palavras. Jeremy falou nesta mesa mais do que falou este ano todo.

Os empregados acompanham a risada de Clarinha. Então todos se calam quando um som que mais parece o grito de uma alegre foca chamando a atenção domina o ambiente. Era Jeremy gargalhando do comentário de Clarinha. Grace diz impressionada:

- Meu Deus, Jeremy. Se isto é sua gargalhada, espero nunca te ver chorando.

Luana tem uma expressão surpresa e divertida:

- Agora que eu me dei conta. Nós nunca ouvimos a sua gargalhada poderosa antes.

Ao lado de Sílvia, Hans fala olhando para Jeremy:

- Uma gargalhada poderosa como os marinheiros ingleses.

Ainda impressionada com a monumental risada de seu jardineiro, Cibeli pergunta:

- Senhor Jeremy, além de me chamar pelo primeiro nome, tem mais alguma coisa que um marinheiro inglês teme?

- Senhora Gatti, fomos treinados para enfrentar desde o mais perigoso submarino inimigo até as tempestades marítimas mais violentas. Nada me assusta...

Agora ele olha para Clarinha e continua:

...a não ser a severa TPM das meninas da casa.

Deus me ajude nestes dias infernais. Melhor seria andar descalço em um campo minado.

Em meio aos comentários divertidos sobre o temperamento das meninas, Cibeli se sente estranhamente mal com o que o velho

marinheiro disse. Às vezes é assim, do nada ela sente uma momentânea hostilidade contra seu jardineiro. Silvia repara na momentânea distração da prima.

- O que foi Cibeli? De repente você ficou concentrada em seus pensamentos? Alguma lembrança?

Sílvia pergunta em frente a Cibeli, ao lado de Hans.

- A última vez que estivemos aqui foi no fim de ano. Lembra?

- A melhor festa de fim de ano desde que me mudei para a Europa.

- Com licença...

Os empregados se levantam. Leona está junto à porta.

- Posso entrar?

Leona sorri quando vê que os empregados não sabem o que fazer com sua presença.

- Fui convidada por Agner para participar do almoço.

Cibeli olha para a impassível governanta e dá uma piscadela a ela. Agner olha para os empregados em pé ali reunidos:

- Quem vai pegar uma cadeira para a senhora Leona?

Luana se apressa e trás uma cadeira em direção a Cibeli.

- Por favor, senhora Leona.

Cibeli faz um gesto para sua arrumadeira:

- Luana, coloque minha filha junto a sua tia.

Leona entende. O puxão de orelha ainda não acabou.

\*\*\*

A mesa está pronta. Cibeli pede a palavra:

- Antes do almoço eu quero uma salva de almas para o senhor Argus.

- A mesa aplaude com reverência e entusiasmo. Leona acompanha as palmas sem entender nada, ela não sabe do que se trata. A filha de Cibeli se lembra do que disse ao novo motorista pela manhã:

“Fique de olho especialmente neste aqui. Não duvido que vá sumir algum anel valioso por aí.”

Grace não perde a oportunidade:

- Senhor Argus. Por favor, o homenageado tem sempre que dizer algumas palavras. Fale sobre seu ato heroico.

- Nada de discursos, Grace.

Cibeli, divertida, acompanha o acanhamento de Argus:

- Só algumas palavras senhor Argus.

Ele se levanta e olha para Cibeli:

- Ver a senhora ao nosso lado neste almoço já vale por todo o perigo que eu, Hans e Rodney passamos para proteger nossa benfeitora e sua família.

Mais palmas. Leona não entende o que está acontecendo, ela pergunta a Sílvia:

- Do que se trata, tia?

- Uma longa história, Leona. Depois do almoço eu te conto.

Quando Argus termina e se senta, Agner diz a palavra mágica:

- Ótimo. Mãos à obra.

A governanta faz um sinal aos dois garçons.

Eles começam a cortar e servir o assado. Cibeli recebe o primeiro corte, servido com legumes cozidos e depois assados junto a maçã de peito no fim do processo. Argus pede um pouco de arroz branco para Cibeli. Ela aprova o pedido de Argus, corta um pedaço do assado e prova a carne.

- Meu Deus, Clarinha. Isto aqui está de sapatear de felicidade. Dá de dez em qualquer rosbife que já comi.

- Obrigado, senhora Gatti.

- Clarinha, hoje eu quero que vocês me chamem de Cibeli.

- Claro, senhora Gatti.

O almoço começa e transcorre alegre. Agner rapara satisfeita que todos estão à vontade na mesa sem perder o respeito pela senhora Gatti. Uma altivez que ela merece. Olhando para a dona da casa com carinho, Agner se lembra de quando começou a trabalhar para a dama dos perfumes, quando tudo parecia perdido para ela quase duas décadas atrás ...

\*\*\*

### TRIBERG

Agner com sessenta e três anos  
Agner tinha deixado a prisão há pouco tempo e estava vagando por aí, neste mundo tão claramente hostil para quem pagou sua dívida com a sociedade como ela. Com sessenta e três anos ela não conseguia trabalho, mas sempre havia um gramado para aparar ou algo assim em troca de algum dinheiro e um prato de comida para a errante Agner pela terra do Senhor. Um dia ela apareceu na casa de campo. Cibeli foi avisada:  
- Aquela senhora quer apenas rever a casa em que viveu sua infância. Seus pais eram empregados dos antigos donos da casa. Ela foi criada entre estes jardins e diz que conhece cada detalhe do local. Da lavanderia até os quiosques de verão e de inverno.

Cibeli autorizou o passeio dela, mas tinha uma condição: antes de ir embora a dona da casa queria falar com ela. Agner tinha um aperto no coração quando começou a andar pelos jardins. Ela andou por toda a mansão sob o olhar curioso dos contratados para serviços internos, como limpeza e arrumação. No jardim, ela ficou mais à vontade com suas lembranças. Os muros vivos, a pequena capela com os dois túmulos... ao longe ela vê o anjo de asas quebradas ao lado da fonte e seu banco preferido. Mas ela já sabia, por ali não podia caminhar. Área privada da nova proprietária da casa de campo. (Não faz mal, tem outros bancos por aí). Quando finalmente, saciada, ela terminou de andar pelas lembranças da melhor época de sua vida, ela escolheu o quiosque no jardim que fica diante de um grande pinheiro. Agner ficou satisfeita com tudo o que viu. Era verão. O dia estava luminoso. Ela se perguntou se algum dia voltaria a ver toda aquela maravilha de sua infância novamente. Então agora uma sombria Agner retira algo de sua bolsa. Um envelope fechado que guarda uma carta manuscrita do pai suicida. (Agora é a melhor hora para ler ou me livrar dela). Agner não tem coragem para uma coisa ou outra. Guarda com cuidado a carta em sua bolsa. (Está na hora de seguir errante, mas antes vou conversar com a dona de casa como prometi. O que será que ela quer?).

\*\*\*

Cibeli observa a senhora a sua frente por alguns segundos e diz:

- Como vai, senhora Agner? Gostou de andar pelo seu passado?

- A época mais feliz de minha vida, senhora. Agradeço de coração pela sua consideração por minhas lembranças.

A dona da casa aprecia a mulher a sua frente, depois continua:

- O que seus pais faziam aqui na sua infância, senhora Agner.

- Meu pai era o mordomo, minha mãe era a governanta, senhora.

(Nada mais apropriado), Cibele pensa.

- Meu nome é Cibeli Gatti. Como a senhora já sabe, agora eu sou a proprietária da casa de campo. Meu segurança, um homem que já passou boa parte de sua vida em uma prisão como a senhora, está começando um projeto para facilitar a introdução de ex-detentos a uma nova vida. Aquela casa moderna não existia em sua infância, não é?

- De fato não, senhora.

- Ela foi construída para ser a moradia dos novos empregados. Gente como a senhora que geralmente saem da prisão sem família e sem futuro. A senhora pode ser a pioneira. Aqui vai ter casa, comida e um bom salário. Gostaria de ser como sua mãe já foi a governanta da casa?

Foi a primeira e última vez que Agner limpou as lágrimas dos olhos diante da nova vida que se apresentou a ela.

\*\*\*

TRIBERG

*Agner com Oitenta e um anos*

O almoço com os empregados continua

Cibeli olha com carinho para sua governanta:

- Pensando em que, Agner?

Agner volta de suas lembranças durante o almoço.

- Desculpe, senhora Gatti. O que disse? Eu acho que a idade começa a pesar em meus ouvidos.

Cibeli e Leona sentem uma repentina afeição por Agner. A filha de Cibeli diz:

- É bom saber que nós estamos juntas, Agner. Este é o seu lar.

Todos na mesa ficam comovidos. Os empregados já tinham reparado que a idade finalmente alcançava a governanta. É bom que ela saiba agora que está em segurança em sua casa, no meio de quem a aprecia.

\*\*\*

No meio do almoço, Cibeli não resiste. Precisa fazer aquilo. Ela se serve só de arroz e legumes e olha rapidamente para Argus pelo canto dos olhos. Ao lado dela, Argus, com cuidado, pega um dos guardanapos da mesa e retira uma caneta do bolso. Escreve algo no

bilhete por debaixo da mesa. Cutuca a perna de Cibeli. Os empregados estão em uma conversa animada. Discretamente, ela lê o bilhete escondido em seu colo:

“ O que está fazendo, Cibeli?”

Cibeli sorri para os funcionários, mas não preste a atenção no que eles estão falando. Divertida e excitada, ela responde escrevendo nas costas do bilhete também por baixo da mesa cutuca a perna dele e o entrega:

“ Eu gosto assim, Argus.”

Ele lê o bilhete, o guarda no bolso e se levanta. Então, delicadamente ele pede o prato a ela e diz:

- É hora de escolher a mais saborosa fatia deste assado para a senhora Gatti.

Ela não fala nada. Passa o prato a ele. Ele serve o prato e o coloca na mesa, em frente a ela. Cibeli prova e dá uma piscadela escondida a ele. Estão todos concentrados em suas conversas menos a filha, aquela piscadela chamou a atenção de Leona. Ainda por baixo da mesa, Argus se atreve, coloca a mão no joelho de Cibeli. Ela sente o perfume de sua própria e crescente excitação e os feromônios dele se espalhando pela copa. Olhando para o prato, ela espeta um legume com seu garfo e o leva a boca. Inclina levemente suas pernas em direção a Argus. A

mão cuidadosa e carinhosa dele avança.

Leona se levanta:

- Eu trouxe uma lembrança para vocês.

Todos ficam de pé. Argus lamenta. (Acabou nossa brincadeira arriscada, Cibeli). Ao lado dele, Cibeli pensa deliciosa. (Esta tarde eu vou ser o seu presente, me presentear a você pelo seu feito heróico, Argus). Leona continua:

- Está aqui em minha bolsa.

Leona retira cinco frascos de sua bolsa.

- É o perfume Gatti N°8.

O mais novo e mais caro lançamento da perfumaria. Agner recebe o primeiro e agradece com sua fleuma habitual. Cibeli repara como as moças reagem de formas diferentes ao presente. Natascha fica feliz e emocionada. Luana, a bela mulata de olhos negros tem vistas gulosas para Rodney. Grace e Clarinha e estão felizes com o presente, mas pensativas e levemente melancólicas. As duas têm mais de trinta anos e não tem vida pessoal fora da casa de campo. (Como todos naquela casa, no mundo lá fora elas são ex-presidiárias. Para quem elas vão se perfumar?) Então Cibeli viaja com seus pensamentos até as lembranças sobre como usar dons.

“ Todo mundo tem um dom, mas é preciso usar seu dom. Agora imagine se você faz um perfume maravilhoso, mas não entrega a

fragrância a quem o inspirou. Para viver a vida intensamente só precisamos colocar o nosso dom em prática. Entregar o perfume a quem você ama.”

Cibeli volta de suas lembranças quando Leona começa a distribuir a loção masculina para os homens:

- Esta é para o senhor Rodney. Esta é para o senhor Jeremy. E este é para Hans...

Então Leona para, encara fixamente os olhos de Hans e pergunta:

- Me diga a verdade, Hans. Você teria me retirado a força de minha casa está manhã?

Hans não vacila, diz com um sorriso:

- Claro que não, senhora Leona.

A mesa acha graça.

- Agora este perfume é para o nosso anjo da guarda que aguenta os meus ataques de fúria.

Hans recebe agradecido o presente. Então um súbito constrangimento caiu sobre o almoço quando Leona volta a se sentar. Argus não recebeu nenhuma lembrança. Nenhum perfume. Leona agora fica atenta a reação da mãe. Depois de alguns segundos de uma tranquila Cibeli, Leona diz:

- Eu me esqueci que o senhor ainda trabalhava na casa. Perdoe-me senhor Argus. Cibeli a interrompe:

- Não tem problema, Leona. Melhor assim.

Agora Leona se assusta com o olhar apaixonado que a mãe dá voluntariamente ao motorista quando diz a ele:

- Este presente dele quem vai dar sou eu. Eu mesma vou fazer meus agradecimentos a você por sua bravura, meu motorista.

\*\*\*

O almoço termina. A sobremesa dá o toque final ao encontro. Um bolo “Floreta Negra”. Uma guloseima famosa e típica do local. Após Leona e Cibeli se servirem, o bolo desaparece da mesa em segundos. Rodney comenta divertido:

- Eu consegui pegar um pedaço, Hans.

- Eu não consegui, Rodney. Quando eu vi, não tinha mais nada dele aqui. As meninas atacaram o bolo sem dó nem piedade. Fico imaginando o que seria de mim se elas soubessem que eu tenho trufas de chocolate em meu bolso.

- Oba! Eu quero!

Hans olha divertido para Clarinha.

- Mas você acabou de se fartar com um bolo de chocolate.

Luana cutuca um espaço da mesa com a ponta do dedo:

- Coloque os aqui, Hans. Não nos faça ir até você.

Cibeli olha para Hans e diz:

- Vamos meu anjo da guarda, nos entregue as trufas. Vamos encerrar nosso almoço com

chave de ouro. Não quero perder meu  
segurança em um dia inesquecível como este.

## Parte 3

## Capítulo 1

Na tarde após o almoço e o encontro de Sílvia e Cibeli na sala do piano, Argus recebe um recado:

- A senhora Gatti solicita seus serviços, senhor Argus.

Ele espera Cibeli ao lado da porta do veículo preferido dela. Ela chega formal como sua pintura naquele quadro na sala de estar:

- Boa tarde, senhor Argus.

- Boa tarde, senhora Gatti.

Ele abriu a porta do banco de trás para ela.

Logo depois ele assume o volante.

- Para onde vamos, senhora?

- Vamos até a Floresta Negra.

- Algum ponto em especial?

- Algum lugar onde a gente possa ficar a sós.

Eu conheço um.

\*\*\*

É fácil entender por que aquele canto do Parque da Floresta Negra é solitário. O campo à beira do lago Cinza é rasteiro. A única árvore é seca e tem galhos que parecem garras. A névoa rasteira nasce no lago frio e se espalha pelo cenário que termina em pequeno monte rochoso a uns dez metros do carro.

Cibeli olha para a paisagem e diz:

- Você acredita que eu me sinto bem aqui?

- Cibeli, a bela e sombria...

Ela sorri olhando a paisagem e diz a ele concentrada:

- Minha prima Sílvia e eu conversamos sobre você após o almoço.

Argus fica atento. Será que Sílvia sabe quem ele é?